

L'ultima parte del volume, dal titolo «*Le Prose* secondo l'ultima volontà d'autore», rielabora la fisionomia del suo testo, con l'obiettivo di avvicinarlo all'ultima forma del progetto bembesco. Nel tentativo di illustrare in modo tanto fedele quanto possibile la *intentio auctoris*, si trascrive il testo del 1525 con l'aggiunta nel suo corpo delle postille presenti nella copia P1 e nel rispetto dei tagli operati sullo stampato, ma senza contemplare i commenti metatestuali. Non resta che aspettare un nuovo saggio specificamente dedicato a questa materia.

Grazie a questo rigoroso lavoro svolto da varie specole, lo studioso del Cinquecento ha ora alla sua disposizione un volume che gli permette di ritrovare quel Bembo che si insinua tra le righe e ai margini di un'opera basilare non soltanto della storia della lingua italiana, ma anche dell'area disciplinare della storia della lingua.

RITA MARNOTO

rmarnoto@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Centre International d'Études Portugaises de Genève

<https://orcid.org/0000-0003-0319-4026>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_74_8

COUTINHO, Luciano; FERNANDES, Edrisi (Organizadores). *Cura e encantamento: rito, mito e psicologia*. Brasília: Tanto Mar Editores, 2017. 224 p. ISBN: 978-85-93469-00-8.

Recensão submetida a 11-01-2019 e aprovada a 17-01-2019

Este livro compõe-se de sete estudos, cada um deles dedicado a um aspecto importante das relações entre práticas de *cura e encantamento*. No prefácio, os organizadores esclarecem que a obra não se ocupa de casos clínicos, mas de exame de experiências ritualísticas e médicas nas quais o liame entre fé e cura ocupa lugar de relevo. O critério para a ordem dos textos é eminentemente histórico, da Antiguidade à Modernidade, cobrindo um arco temporal amplo e rico em referências e percursos investigativos.

O estudo inicial chama-se “A psicologia de cura no xamanismo”, de Luciano Coutinho. Examina a estrutura e significado dos rituais de xamanismo, nos quais o oficiante adquiriu qualidades espirituais que o capacitariam para

mediar práticas curativas. Nesses rituais observam-se componentes psicológicos os mais variados, aos quais os símbolos e as atividades xamânicas ofereceriam um quadro interpretativo complexo. Em termos mais propriamente metodológicos, articulam-se descrições fenomenológicas e exigências antropológicas de relativização do olhar. A escolha tem a vantagem de oferecer um plano rico das experiências examinadas e o devido rigor epistemológico.

Segue-se o segundo artigo, “Medida e cura na coleção hipocrática”, de Edrisi Fernandes. Segue com desvelo o modo como se expressa a busca da cura em diversos aspectos da vida helênica – filosofia, matemática e, consentânea com as etapas anteriores, a medicina. Mencione-se, por exemplo, o lugar das bebidas, dos exercícios e da comida no cuidado com a saúde, capaz de garantir o devido equilíbrio ao corpo, em conformidade com a teoria dos quatro humores, elementos apresentados com diversas referências que recomendam leituras de aprofundamento. Pode-se lamentar no texto, por vezes, a sequência de citações com comentários muito breves, o que dificulta o acompanhamento do plano argumentativo principal. O resultado final, não obstante, é a elucidação de aspectos cruciais ao entendimento da história da medicina entre os gregos, especialmente em sua vertente hipocrática.

A tragédia grega é objeto do artigo “Enfermedad y cura en *Euménides* de Esquilo: Orestes, las Erinias y la *pólis*”, de Guillermo de Santis. Seu interesse reside na relação intrínseca entre a enfermidade da personagem trágica e a cidade em que habita – no plano da poesia dramática –, de que o recurso à medicina pode revelar-lhe ângulos importantes, concentrando-se mais precisamente nas obras supérstites de Ésquilo. Os passos iniciais demonstram cautela metodológica no sentido de evitar a asseveração apressada do vínculo interno entre tragédia e medicina. É necessário, nesse sentido, discernir o teor efetivo da relação entre ambos os discursos. Por esse motivo, a opção pelo termo “diálogo” mostra-se bastante apropriada, pois evita que se tome a obra literária como caso a que se aplicam conceitos advindos de outro campo discursivo. É notório o esforço por examinar semelhante vocabulário no âmbito da necessidade artística dos textos, com resultados consistentes e fecundos.

Markus Figueira da Silva contribui com o seu “Sobre a noção de *kúrios* (eficácia) no epicurismo: filosofia e cura dos temores”. O ponto de partida é o estudo das relações entre *terapia* e *logos*, em Epicuro, que se associam a uma concepção de filosofia como guia não apenas teórico, mas também prático, para a vida. Tendo em vista semelhante objetivo, deve-se buscar o devido entendimento da *physis*, de que decorre o esforço por deslindar a referência à

realidade de quaisquer ressaibos supersticiosos. O autor sublinha o liame entre esse tipo de conhecimento e certo estilo de vida. O percurso seguido privilegia inicialmente um duplo exame do corpo (*sarkos*), em seus constituintes físicos, afetados por outros entes naturais, até a possibilidade de se o conduzir com boa disposição no mundo, mediante a relação corpo-alma. Nesse sentido, embora não exista um vínculo mais específico das obras epicuristas com a medicina praticada à sua época, seria observável em diversas passagens o uso de vocabulário médico atinente ao diagnóstico de enfermidades anímicas e as possibilidades de se lhe oferecer o devido tratamento.

O quinto capítulo deve-se a Crystal Addey, “Dreams, Medicine and Healing in Late Antiquity: *Oneiromancy* (Dream Divination) in Porphyry’s *Philosophy from Oracles*”. Centra-se no estudo da oniromancia, importante componente da vida religiosa grega desde o século V a.C., especificamente nos fragmentos da *Filosofia dos oráculos*, de Porfírio. Nessa obra, a cura do corpo era indissociável da busca pela salvação da alma, considerada objetivo mais elevado da atividade filosófica. Inicialmente, somos apresentados à rede complexa das práticas de oniromancia sobre as quais a referida obra de Porfírio apresentaria seu reflexo e reflexão. Em diversos santuários associados ao culto de Asclépio e de Sarapis, rituais específicos ofereciam aos suplicantes a “incubação” de sonhos, mediante os quais tinham a expectativa de recebimento da cura. Ambas as divindades ocupam lugar proeminente na obra supramencionada de Porfírio, sob a forma de oráculos acerca dos quais expõe reflexões filosóficas relativas à sua preocupação com um processo de cura do corpo que não negligenciasse a salvação da alma, que tinha a primazia.

Lê-se na sequência “A cura da melancolia em Marsilio Ficino”, de Monalisa Carrilho de Macedo. Discorre inicialmente sobre o sentido que confere ao termo “cura” em seu trabalho, mais próximo da sua raiz latina que do seu uso contemporâneo em português. Tal escolha sublinha o caráter mais propriamente de cuidado, e não de ação terapêutica por meio da qual se buscaria recobrar a saúde. Essas distinções iniciais favorecem o entendimento mais rigoroso das reflexões de Marsilio Ficino acerca da melancolia, movidas não por uma suposta superação sem rastros dessa disposição de ânimo, e sim pelo modo de lidar com esse quadro. Sublinha o seu caráter ambíguo, pois requer tratamento de alguns de seus sintomas, mas também reconhece sua importância no plano criativo de homens e mulheres. O objetivo de Ficino era o de contribuir com algumas orientações para o cultivo do trabalho intelectual, fadado a confrontar-se em alguma medida com

a melancolia, mesmo entre aquelas pessoas não propriamente melancólicas. Nesse percurso, o humanista italiano se servirá de fontes gregas para o seu estudo, notadamente Demócrito, Platão e Aristóteles, numa conjunção que estaria na base, segundo a autora, da noção ocidental de gênio, sobremodo influente a partir do romantismo. Vale sublinhar algumas dúvidas sobre a relação entre a análise ficiniana da melancolia e a proliferação de gênios no Renascimento. Tal relação pertence mais ao âmbito hermenêutico do que ao plano empírico da causalidade – o que talvez encerre o sentido mais próprio desenvolvido nesse belo texto.

Chegamos ao último trabalho, “Práticas medicinais no alvorecer da Idade Moderna”. Seu autor, João Peixe, investiga o nexos entre a fé em Deus e em interferências demoníacas de que deram testemunho homens e mulheres à época renascentista, e os procedimentos terapêuticos desenvolvidos em conformidade com esse ideário. Como estádio preparatório do seu estudo, expõe inicialmente as linhas diretrizes da medicina à época do Renascimento. Cuida em evidenciar pontos gerais de orientação do desenvolvimento dessa arte desde a Roma Imperial, passando pelos múltiplos estratos culturais do Medievo até nos conduzir à época renascentista, quando sobressaem a consolidação das instituições universitárias e os novos paradigmas humanistas. Os benefícios da farmacopeia ainda eram bastante modestos, seja pela falta de métodos mais consistentes, seja pelo estado precário dos hábitos alimentares da população europeia. O progresso na área ocorreria mais propriamente na cirurgia. Esta primeira parte do trabalho segue linha histórica bastante nítida e com riqueza de informações, sem que se perca o seu fio condutor. No que tange mais especificamente à religião, sobressai a prudência metodológica do autor, ao sublinhar o quanto os estratos erudito e popular, no que tange aos procedimentos terapêuticos da cura de enfermidades, à época renascentista, não constituíam blocos estanques, mas se retroalimentavam reciprocamente. Esse texto rico e com bom andamento, no entanto, apresenta algumas obscuridades na seção “Um mundo de semelhanças” (p. 205-206), na qual o autor, ao refletir sobre uma importante contribuição de Michel Foucault, incorpora o estilo do filósofo francês sem conseguir, no entanto, desvencilhar-se de opacidades desnecessárias.

O trabalho gráfico Editora Tanto Mar é cuidadoso e de bom gosto. A capa, por exemplo, reproduz a pintura do artista brasileiro Taigo Meireles, intitulada *Tomé incrédulo*, que relê em chave própria a célebre pintura homônima de Caravaggio. O acerto na escolha deve-se não apenas à qualidade

do trabalho do Sr. Meireles, mas também por configurar provocativamente a perda de clareza em seus contornos, coerente com o misto de desejo e obscuridade associados às imagens da cura examinadas no livro, cuja leitura oferece inestimáveis recompensas intelectuais e formativas.

GILMÁRIO GUERREIRO DA COSTA

gilmario.filosofia@gmail.com

Universidade de Brasília

Bolsista Capes

<https://orcid.org/0000-0002-0307-0798>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_74_9

DONI, Anton Francesco, *I marmi*. Edizione critica e commento a cura di Carlo Alberto Girotto, Giovanna Rizzarelli. Premessa di Giovanna Rizzarelli, Firenze, Leo S. Olschki Editore, 2017, 2 vols., 942 pp. ISBN: 978-88-222-6223-3

Recensão submetida a 08-09-2018 e aprovada a 19-11-2018

The two dense volumes of *I Marmi*, edited by Carlo Alberto Girotto, Sorbonne Nouvelle's *maître de conférences*, and Giovanna Rizzarelli, Scuola Normale Superiore di Pisa's researcher, establish an important step in the process of studying Anton Francesco Doni's role in 16th century Italian literature. In fact, since the last decade of the 20th century, this Florentine polygraph has been receiving renewed critical consideration. In addition to the editorial attention deserved by some of his works, critical studies have been conducted, often arranged in books of proceedings, which have become significant contributions to the study of his complex literary personality.

There is a great number of difficulties editors and scholars face when they decide to investigate about Doni. Even though he lived in the golden age of the Italian Renaissance and was born in one of the greatest cultural centers of his time (Florence, 1513 – ?, 1574), Doni constantly questioned the instruments of Classicism, and this inquisitive attitude was actually the impetus of his vast work. Such attitude ended up supporting the dialectical formulation that characterizes Doni's discourse, since the vision that instigates it effectively supported his fundamental moralism.